



Parte I
Metodologias

SONDAGEM NACIONAL

1. Definição de objectivos

Constituem objectivos da sondagem nacional:

- a) Descrição sociográfica dos públicos dos meios de comunicação social portugueses de âmbito nacional (televisão, rádio, imprensa, Internet);
- b) Caracterização das necessidades, expectativas e representações da generalidade dos públicos, face aos conteúdos mediáticos disponibilizados;
- c) Caracterização das necessidades, expectativas e representações dos “públicos sensíveis”, nomeadamente, crianças/jovens, idosos e imigrantes.

2. Caracterização do universo

O universo do estudo é constituído pela população com 15 ou mais anos de idade, residente em Portugal continental e regiões autónomas dos Açores e da Madeira (8.961.458 indivíduos, segundo dados do INE para 2006).

3. Procedimento de amostragem e definição da amostra

Para se obter uma amostra com a máxima representatividade do universo enunciado e testar as hipóteses formuladas, recorreu-se a uma amostragem aleatória polietápica.

Primeira etapa: estratificação do universo segundo duas variáveis que se cruzaram:

a) Variável *Região*

- Norte (distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança/Guarda/Vila Real);
- Porto (distrito do Porto);
- Centro (distritos de Aveiro/Viseu, Castelo Branco e Coimbra/Leiria);
- Lisboa (distrito de Lisboa);
- Setúbal e Vale do Tejo (distritos de Portalegre/Santarém e Setúbal);
- Sul (distritos de Beja/Évora e Faro);
- R.A. Açores e R.A. Madeira

b) Variável *Dimensão da localidade*

- até 2.000 habitantes;
- de 2000 a 20.000;
- mais de 20.000 habitantes.

Dentro das regiões consideraram-se *Sub-regiões*, ou seja, os distritos ou grupo de distritos a individualizar em cada *Região* criando-se, assim, um total de 39 estratos, com 1 estrato vazio.

Segunda etapa: distribuição não proporcional da amostra-base de 1800 entrevistas, pelas diferentes *Sub-regiões*, de modo a existir bases de análise e, dentro de cada uma delas, proporcionalmente à dimensão das localidades. Para efeitos de distribuição da amostra e sua representatividade, as Dimensões de localidade 2.000 a 20.000 e mais de 20.000 foram ainda subdivididas, como mostra o quadro seguinte de distribuição da amostra:

QUADRO I

REGIÃO e SUB-REGIÃO	DIMENSÃO DA LOCALIDADE									
	Total	Até 2.000	2.000 a 20.000	Mais 20.000	2.000 a 5.000	5.000 a 10.000	10.000 a 20.000	20.000 a 50.000	50.000 a 100.000	Mais de 100.000
NORTE	300	130	65	105	35	10	20	50	10	45
Viana do Castelo	50	30	10	10	10	-	.	10	-	-
Braga	140	50	25	65	15	-	10	10	10	45
Braga/Guarda/ Vila Real	110	50	30	30	10	10	10	30	-	-
PORTO	200	40	60	100	15	15	30	40	10	50
Porto	200	40	60	100	15	15	30	40	10	50
CENTRO	250	115	75	60	20	25	30	40	-	20
Aveiro/Viséu	100	50	30	20	10	10	10	20	-	-
Castelo Branco	50	25	15	10	-	5	10	10	-	-
Coimbra/Leiria	100	40	30	30	10	10	10	10	-	20
LISBOA	350	45	105	200	35	30	40	30	30	140
Lisboa	350	45	105	200	35	30	40	30	30	140
SETÚBAL e VALE DO TEJO	200	55	80	65	25	25	30	45	20	-
Portalegre/Santarém	100	40	35	25	10	10	15	25	-	-
Setúbal	100	15	45	40	15	15	15	20	20	-
SUL	200	70	85	45	30	30	25	45	-	-
Beja/Évora	100	35	40	25	20	20	-	25	-	-
Faro	100	35	45	20	10	10	25	20	-	-
R. AUTONOMAS	300	115	125	60	75	20	30	-	-	60
Açores	150	45	105	-	55	20	30	-	-	-
Madeira	150	70	20	60	20	-	-	-	-	60
TOTAL	1800	570	595	635	235	155	205	250	70	315

Terceira etapa: selecção aleatória, proporcional à sua dimensão, de Pontos de amostragem (“Sampling points”) em cada estrato, com base no Censo de localidades. Consideraram-se 138 Pontos de amostragem com a seguinte distribuição:

QUADRO II

REGIÃO e SUB-REGIÃO	DIMENSÃO DA LOCALIDADE									
	Total	Até 2.000	2.000 a 20.000	Mais 20.000	2.000 a 5.000	5.000 a 10.000	10.000 a 20.000	20.000 a 50.000	50.000 a 100.000	Mais de 100.000
NORTE	27	15	6	6	3	1	2	4	1	1
Viana do Castelo	5	3	1	1	1	-	-	1	-	-
Braga	11	6	2	2	1	-	1	1	1	1
Braga/Guarda/ Vila Real	11	6	3	3	1	1	1	2	-	-
PORTO	13	4	4	2	1	1	2	3	1	1
Porto	13	4	4	5	1	1	2	3	1	1
CENTRO	25	12	8	5	2	3	3	4	-	1
Aveiro/Viseu	11	6	3	2	1	1	1	2	-	-
Castelo Branco	5	2	2	1	-	1	1	1	-	-
Coimbra/Leiria	9	4	3	2	1	1	1	1	-	1
LISBOA	18	5	7	6	3	2	2	2	2	2
Lisboa	18	5	7	6	3	2	2	2	2	2
SETÚBAL e VALE DO TEJO	16	6	6	4	2	2	2	3	1	-
Portalegre/Santarém	8	4	3	1	1	1	1	1	-	-
Setúbal	8	2	3	3	1	1	1	2	1	-
SUL	16	6	8	2	3	3	2	2	-	-
Beja/Évora	8	3	4	1	2	2	-	1	-	-
Faro	8	3	4	1	1	1	2	1	-	-
R. AUTONOMAS	23	11	11	1	7	2	2	-	-	1
Açores	14	5	9	-	5	2	2	-	-	-
Madeira	9	6	2	1	2	-	-	-	-	1
TOTAL	138	59	50	29	21	14	15	18	5	6

Quarta etapa: selecção aleatória de Pontos de partida (“Starting points”) em cada ponto de amostragem. Através de listagens ou mapas, foram seleccionados, por amostragem aleatória simples, Pontos de partida para inícios de itinerários de selecção. O número de Pontos de partida dependeu da distribuição da amostra pelos Pontos de amostragem, sendo assegurado o número máximo de dez entrevistas por cada um.

Quinta etapa: selecção aleatória de unidades intermédias – lares pelo método de itinerário de Politz, a partir dos Pontos de partida. Partindo de cada Ponto de partida, os entrevistadores percorreram um itinerário esquerda–direita, seleccionando os prédios por intervalo sistemático e, dentro de cada prédio, aleatoriamente, o andar e a porta de residência.

Sexta e última etapa: selecção “aleatória” de indivíduos de 15 ou mais anos em cada lar (um por lar). Em cada lar, a selecção do entrevistado foi realizada pelo método do último aniversariante. A substituição de indivíduos seleccionados só foi feita ou por recusa ou após duas visitas (uma das quais após as 19 horas), por selecção de mais um lar.

Obtida a amostra – base de 1.800 entrevistas, foi feito um *oversampling*, de modo a assegurar a existência de, no mínimo, 300 entrevistas a jovens dos 15 aos 18 anos e 400 entrevistas a idosos com 64 ou mais anos.

4. Desenho do questionário

Com base nos objectivos expressos foi desenhado um questionário (Anexo 1) que, uma vez aprovado pelo cliente, foi submetido a um pré-teste de 200 entrevistas que permitiu a validação do seu desenho.

5. Recolha de dados e supervisão

Utilizou-se a técnica de recolha através de entrevista pessoal, face a face, mediante questionário semi estruturado.

Os trabalhos de recolha de dados e supervisão foram realizados pela empresa INTERCAMPUS.

Os trabalhos de campo decorreram em duas fases: a primeira entre 18 de Junho e 13 de Agosto de 2007; a segunda de 20 de Setembro a 10 de Outubro, do mesmo ano. Trabalharam neste estudo 57 entrevistadores, sendo cerca de 10% do trabalho de cada um devidamente supervisionado. O número de entrevistas anuladas pela supervisão foi de 143, das quais 45 por dados socio-

demográficos incompletos, 72 por incoerência nas respostas dadas e 26 por elevada percentagem de “Não sabe/Não responde”.

O número total de contactos efectuado foi 8.703, donde resultaram 6.498 contactos falhados (recusa ou ausência do indivíduo seleccionado). Percentualmente, os motivos que originaram os contactos falhados, foram:

- Lar indisponível, 52,2%;
- Recusa do indivíduo seleccionado, 45,7%;
- Recusa em finalizar a entrevista, 1,9%;
- Barreira linguística, 0,3%;

A amostra-base obtida foi de 1.829 entrevistas, tendo sido efectuada uma *oversampling* de 218 entrevistas a jovens dos 15 aos 18 anos (para atingir um total de 308) e de 158 entrevistas a idosos com 64 ou mais anos (para atingir um total de 406). A amostra total obtida foi de 2.205 entrevistas.

Os quadros seguintes evidenciam a composição das amostras base e total por *Sexo e Idade* e por *Região e Dimensão da localidade*:

QUADRO III

IDADE	AMOSTRA-BASE			AMOSTRA-TOTAL		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
15 - 17	90	45	45	308	158	150
18 - 24	224	105	119	224	105	119
25 - 34	341	158	183	341	158	183
35 - 44	339	131	208	339	131	208
45 - 54	315	112	203	315	112	203
55 - 64	272	108	164	272	108	164
65 - 74	143	64	79	232	109	123
Mais 74 anos	105	57	48	174	77	97
TOTAL	1.829	780	1.049	2.205	958	1.247

QUADRO IV

	AMOSTRA BASE				AMOSTRA TOTAL			
	Total	Até 2.000	2.000 a 20.000	Mais 20.000	Total	Até 2.000	2.000 a 20.000	Mais 20.000
NORTE	308	128	66	114	336	130	67	139
Viana do Castelo	58	29	10	19	65	31	10	24
Braga	140	50	25	65	155	50	25	80
Braga/Guarda/ Vila Real	110	49	31	30	116	49	32	35
PORTO	201	38	55	108	275	42	67	166
Porto	201	38	55	108	275	42	67	166
CENTRO	251	124	66	61	318	142	92	84
Aveiro/Viseu	101	61	20	20	126	68	35	23
Castelo Branco	50	23	16	11	65	32	20	13
Coimbra/Leiria	100	40	30	30	127	42	37	48
LISBOA	350	45	105	200	433	48	122	263
Lisboa	350	45	105	200	433	28	122	263
SETÚBAL e VALE DO TEJO	220	60	95	65	286	83	115	88
Portalegre/Santarém	100	40	35	25	130	61	44	25
Setúbal	120	20	60	40	156	22	71	63
SUL	200	67	88	45	236	75	115	46
Beja/Évora	100	35	40	25	104	35	44	25
Faro	100	32	48	20	132	40	71	21
R. AUTONOMAS	299	118	119	62	321	131	120	70
Açores	145	45	100	-	145	45	100	-
Madeira	154	73	19	62	176	86	20	70
TOTAL	1.829	580	594	655	2.205	651	698	856

6. Transcrição de respostas e codificação

Transcreveram-se as respostas às perguntas abertas ou semi-abertas de 400 questionários e analisaram-se os respectivos conteúdos, de acordo com um plano de codificação que permitiu a atribuição de códigos às categorias de resposta

encontradas e não contempladas no desenho do questionário. Procedeu-se, em seguida, à sua gravação em suporte informático. A empresa responsável pela gravação de dados foi a ODEC - Centro de Cálculo e Aplicações Informáticas S.A.

7. Ponderação da amostra

Dado que a distribuição da amostra-total não foi proporcional ao universo, segundo as variáveis chave consideradas – *Região, Dimensão da localidade, Sexo e Idade* –, calcularam-se ponderadores, de modo a devolver à amostra-total a sua representatividade.

Numa primeira etapa, os questionários foram ponderados por *Região x Habitat* e, numa segunda etapa, mantendo a primeira, foram ponderados por *Sexo x Idade*. A responsabilidade destas etapas foi de ODEC - Centro de Cálculo e Aplicações Informáticas S.A.

Os quadros seguintes resumem a distribuição percentual da amostra-total ponderada, representativa do universo.

QUADRO V

IDADE	AMOSTRA TOTAL		
	Total	Masculino	Feminino
15 - 17	4,4%	2,1%	2,3%
18 - 24	12,5%	6,4%	6,1%
25 - 34	18,2%	9,1%	9,0%
35 - 44	17,3%	8,5%	8,8%
45 - 54	15,3%	7,4%	7,9%
55 - 64	13,3%	6,1%	7,2%
65 - 74	11,8%	5,3%	6,5%
Mais 74 anos	7,2%	28,0%	4,4%
TOTAL	100,0%	47,8%	52,2%

QUADRO VI

REGIÃO	AMOSTRA TOTAL			
	Total	Até 2.000	2.000 a 20.000	Mais 20.000
NORTE	15,6%	9,8%	2,5%	3,3%
Viana do Castelo	2,4%	1,8%	0,3%	0,3%
Braga	7,7%	4,3%	1,2%	2,2%
Braga/Guarda/ Vila Real	5,5%	3,7%	1,0%	0,8%
PORTO	16,9%	6,1%	4,2%	6,6%
Porto	16,9%	6,1%	4,2%	6,6%
CENTRO	21,5%	14,2%	4,1%	3,2%
Aveiro/Viséu	10,6%	7,0%	2,6%	1,0%
Castelo Branco	2,1%	1,5%	0,3%	0,3%
Coimbra/Leiria	8,8%	5,7%	1,2%	1,9%
LISBOA	20,9%	4,1%	5,9%	10,9%
Lisboa	20,9%	4,1%	5,9%	10,9%
SETÚBAL e VALE DO TEJO	13,4%	4,6%	6,3%	2,5%
Portalegre/Santarém	5,7%	3,0%	2,4%	0,3%
Setúbal	7,7%	1,6%	3,9%	2,2%
SUL	7,2%	3,8%	2,1%	1,3%
Beja/Évora	3,3%	1,7%	1,0%	0,6%
Faro	3,9%	2,1%	1,1%	0,7%
R. AUTONOMAS	4,5%	1,9%	1,6%	1,0%
Açores	2,2%	0,8%	1,4%	-
Madeira	2,3%	1,1%	0,2%	1,0%
TOTAL	100,0%	44,5%	26,7%	28,8%

8. Processamento de dados

Os dados, após validação da consistência de respostas a perguntas-chave, foram processados de acordo com um plano de tabulação estabelecido para o efeito.

INQUÉRITO EM ESCOLAS DA GRANDE LISBOA
A CRIANÇAS/JOVENS (DOS 9 AOS 14 ANOS)
E RESPECTIVOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

1. Definição de objectivos

Constitui objectivo do inquérito em escolas da Grande Lisboa estudar jovens/crianças que, devido à sua idade (dos 9 aos 14 anos), não são abrangidas pela sondagem nacional. Tal estudo, elege os lares como unidade de análise, de modo a conhecer a geografia e ambientes familiares, no que se refere aos media, e a proceder ao “cruzamento de olhares” entre os pais e as crianças/jovens neste domínio. As crianças/jovens aqui consideradas estão numa fase de desenvolvimento humano fundamental: a fase onde se iniciam e estabelecem “novas relações sociais, e [reformulam] a sua visão e compreensão sobre o mundo” (Malho, 2003:54). Por outro lado, possuem capacidades e competências intelectuais que lhes permitem verbalizar com facilidade “as percepções e representações sobre as suas práticas, sobre os seus quotidianos e espaços de vida” (Malho, M.J., Pato, I. e Tomé, V., 2007). São e estão capazes de emitir juízos de valor sobre o que as rodeia (Piaget & Inhelder, 1997). Importa, por isso, ouvi-las sobre os media que as rodeiam.

2. Procedimento de amostragem e definição da amostra

O território da escola constitui, sem dúvida, o local mais apropriado para a realização deste tipo de pesquisas porque é lá que se encontra reunido o maior número de crianças/jovens com as idades que pretendíamos estudar. É também a melhor maneira de obter a participação dos pais. Houve, contudo, cuidados específicos na condução das respostas aos questionários, para que isso não fosse confundido com uma actividade de sala de aula, sujeita ao constrangimento da presença do professor.

A amostra incidiu em crianças/jovens frequentando escolas básicas integradas da rede pública, o que nos permitiu trabalhar com diferentes idades e anos de escolaridade nos mesmos espaços físicos. A escolha das escolas foi, por razões de funcionalidade, limitada à área da Grande Lisboa. Definida essa área geográfica, identificaram-se as 18 escolas básicas integradas, das quais se seleccionaram 12 onde se aplicou o questionário. A selecção teve em conta os seguintes aspectos:

- a) Necessidade de conciliar a actividade profissional da equipa com o trabalho de campo a realizar;
- b) Calendarização da pesquisa;
- c) Diversidade geográfica e sócio-económica do meio envolvente das escolas;
- d) Rapidez na resposta ao nosso convite e bom acolhimento à nossa proposta de trabalho por parte dos Conselhos Executivos.

Escolas participantes:

Escola Básica Integrada da Abrigada (concelho de Alenquer)
Escola Básica Integrada da Apelação (concelho de Loures)
Escola Básica Integrada de Bucelas (concelho de Loures)
Escola Básica Integrada do Carregado (concelho de Alenquer)
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância D. Carlos I (concelho de Sintra)
Escola Básica Integrada da Charneca da Caparica (concelho de Almada)
Escola Básica Integrada Joaquim de Barros (concelho de Oeiras)
Escola Básica Integrada D. Leonor de Lencastre (concelho de Sintra)
Escola Básica Integrada de Patrício Prazeres (concelho de Lisboa)
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância da Quinta do Conde (concelho de Sesimbra).
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância Vasco da Gama (concelho de Lisboa).

3. Desenho dos questionários (crianças/jovens e pais)

Os questionários destinados a crianças/jovens e a pais foram elaborados e adaptados¹ a partir de outros já utilizados em pesquisas semelhantes (Livingstone, 1998; 2004; Projecto SAFT, 2005). Foi ainda construído um questionário destinado a ser respondido por pais não nascidos em Portugal, com vista à parte da investigação sobre os media e as populações imigrantes.

Houve necessidade de proceder a algumas adaptações dos modelos dos questionários à nossa realidade e tendo em conta que seriam auto-administrados, o que implicou uma redução substantiva das questões. Fizeram-se e testaram-se sucessivas versões até se chegar a uma versão final.

¹ A tradução e adaptação destes instrumentos ficaram a cargo de Filipa Duarte.

O questionário destinado a crianças/jovens foi alvo de um tratamento gráfico especial², de modo a que se apresentasse mais “amigável” e facilitasse o interesse em responder.³

O projecto de investigação, os três questionários (crianças/jovens, pais/encarregados de educação portugueses e não nascidos em Portugal), bem como o modelo da carta solicitando a autorização dos pais/encarregados de educação para se interrogarem as crianças e os jovens, integraram um dossier submetido, para validação, à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC).

4. Recolha de dados

A DGIDC fez chegar a autorização para a realização do estudo e os materiais respectivos aos Conselhos Executivos das escolas escolhidas. Paralelamente, a equipa de investigação realizou contactos informais com os mesmos, explicando a pertinência e a necessidade de obter a colaboração dos órgãos dirigentes das escolas e dos professores para poder estar dentro do espaço escola, conversar com as crianças/jovens durante os tempos lectivos e, também, mobilizar os pais/encarregados de educação.

4.1. Aplicação do questionário às crianças/jovens

Cada escola seleccionou uma turma, do quarto ao oitavo ano de escolaridade, cujos alunos constituíram a nossa amostra. Poucas foram os que não tiveram autorização dos pais para responder ao questionário.

O primeiro contacto com as crianças/jovens consistiu na apresentação dos elementos da equipa de investigação: quem eram, a razão da presença na escola e a importância de as crianças colaborarem neste estudo e de, sobre ele, conversarem, em casa, com a família. Neste âmbito foram referidos os Artigos n.ºs 13 e 17 da Convenção sobre os Direitos da Criança que reconhecem o direito à livre expressão das suas ideias e o respeito que devem merecer. Foi explicado o que significa anónimo e confidencial, ou seja, que em nenhum lugar do questionário

2 Com a colaboração de Luís Carlos Campos e Sousa.

3 Se este aspecto foi muito positivo, algumas escolhas gráficas poderão ter induzido respostas.

rio deviam escrever o que quer que fosse, susceptível de os identificar. Algumas crianças e adolescentes não sabiam o significado destes termos.

Sempre que se verificaram dificuldades das crianças em responder a questões, nomeadamente as relacionadas com habilitações literárias e profissão dos pais/encarregados de educação, solicitou-se a colaboração do professor(a)/director(a) de turma para que a resposta fosse validada.

Em situações relacionadas com o espaço de residência (casa onde vivem) e quando os pais/encarregados de educação não partilham o mesmo espaço doméstico, foi combinado com as crianças/jovens que deviam responder às questões em função da casa onde gostam mais de estar e que o questionário para o pai/mãe/encarregado de educação seria respondido a pensar nessa casa. Procurou-se, assim, manter confidencial o seu contexto de vida.⁴

As crianças/jovens responderam ao questionário em silêncio, cada uma por si, sem partilharem as respostas que estavam a dar. Quando tinham dúvidas, eram esclarecidas individualmente pela equipa de aplicação.

Apesar de os questionários terem sido previamente testados e adaptados, notaram-se algumas dificuldades de compreensão, por parte de crianças mais novas e sem irmãos mais velhos, de certos termos que desconheciam por completo, sobretudo os importados de uma língua estrangeira (*site, chat, hotspot, online...* liam como se escreve em português), bem como nomes de equipamentos (IPOD, PDA, CD, MIRC, MP3). Perante esta situação, a equipa informava que não fazia mal não saberem e não responderem.⁵

Outros termos menos entendidos eram os associados a géneros e temas (“ficção científica”, “terror”, “comédia”, “documentário”). As crianças perguntavam o seu significado e avançavam com hipóteses (“comédia é o Mr. Bean, não é?”). Uma dificuldade que não se manifestou apenas nas crianças mais novas e evidencia iliteracia relativamente aos media.

4 Na pesquisa com crianças, estas têm que ser respeitadas “com as suas circunstâncias” (Gomes-Pedro, 1999) e este é, no nosso entender, um dos procedimentos indispensáveis à legitimação da pesquisa.

5 Esta situação levanta a necessidade de preparar, para crianças mais novas, um questionário ainda mais simples nas designações que apresenta e conferir especial atenção ao modo como as crianças identificam e referem os mesmos conteúdos (por exemplo, “pornográfico” era traduzido por algumas crianças como “as maminhas e os rabinhos que vêm nas revistas”...).

Quanto à possível influência do grafismo na indução de respostas, chama-se a atenção para a questão 9, aberta (“Dessas actividades, quais são as que mais gostas de fazer?”) que solicitava a hierarquia das três actividades do quadro superior. A ilustração da pergunta mostrava duas situações: uma menina a andar de baloiço e um menino sentado a ler um livro. Poderá ter ocorrido alguma indução destas imagens nas respostas dadas, tendo algumas crianças perguntado a que se referiam essas actividades.

Algo de semelhante se terá passado na questão 14, aberta (“Que objectos gostarias de receber como prenda?”), cuja ilustração mostrava duas crianças a abrir presentes e a imaginar que iriam receber uma Playstation e um MP4 (Ver Anexo 3).

As situações relatadas, não anulam, obviamente, a importância do aspecto gráfico dos questionários, largamente apreciados, com muitos meninos de ambos os sexos a pintarem e a tecerem comentários sobre os desenhos. Também houve expressões de apreço pelo conteúdo do texto em que eram convidados a participar (“é giro quererem saber a nossa opinião”) e alguns perguntaram, mesmo, se não podiam ficar com ele.

4.2. Aplicação do questionário aos encarregados de educação

No final do preenchimento do questionário pelas crianças/jovens, estas recebiam o material para levarem para casa: um envelope contendo o questionário a ser preenchido pelo pai/mãe/encarregado de educação e uma carta a solicitar a participação e a agradecer. Cada questionário das crianças/jovens recebeu um número de ordem que também foi colocado no envelope do questionário dos progenitores. Deste modo garantiu-se a constituição de pares de questionários (respostas da criança/jovem e de pai/mãe/encarregado de educação).

Saliente-se a elevada colaboração dos directores de turma no sentido de recordarem às crianças a necessidade de trazerem os questionários dos pais preenchidos por estes e fechados no envelope.

Os questionários foram recolhidos pela equipa de investigação cerca de duas semanas mais tarde. Quando esse momento coincidia com o intervalo e as crianças nos viam, vinham a correr perguntar se já tínhamos resultados, se o trabalho já estava feito, manifestando, deste modo, o interesse que atribuíram à iniciativa.

5. Tratamento da informação

Feita a recolha, os questionários, foram organizados por escola e numerados sequencialmente. Criaram-se bases de dados em SPSS para a sua informatização e respectivo tratamento estatístico, tendo as perguntas abertas sido alvo de análise de conteúdo categorial para o seu enquadramento nos resultados gerais do inquérito.

IDOSOS

1. Definição de objectivos

Identificar as particularidades de consumos, representações e expectativas dos mais de 64/65 anos, homens e mulheres, e perceber se o género condicionou os consumos dos Media, bem como as representações e expectativas.

2. Caracterização do universo

Como designar as pessoas mais velhas? Como gostam essas pessoas de ser tratadas? A partir de que momento uma pessoa é, ou se sente, idosa? Alguns trabalhos realizados no âmbito europeu, como o demonstra um documento de 2002 publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (2002), observam uma grande diversidade na resposta a estas perguntas. A designação de “pessoas mais velhas” foi a mais aceite na Europa do Sul (Itália, Espanha e Portugal), sendo que as designações “pessoas de idade” e “os mais velhos” foram rejeitadas em muitos países. A expressão “cidadãos seniores” teve grande acolhimento nos países da Europa do Norte, enquanto “reformados” foi o vocábulo mais apreciado por belgas e franceses.

No mesmo documento o INE refere que, para os seus estudos, idosos são as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, período que está associado, em Portugal, ao início da reforma. Refere ainda que nesta concepção, os idosos de hoje são diferentes dos idosos de gerações anteriores e que qualquer limite cronológico para definir as pessoas idosas é arbitrário e dificilmente traduz a dimensão biológica, física e psicológica da evolução do ser humano (INE, 2002).

Trabalhos elaborados com base no Censo de 2001 e projecções realizadas para o envelhecimento em Portugal permitem constatar que a proporção de pessoas com 65 anos ou mais duplicou nas últimas quatro décadas. Uma realidade que configura o aumento da proporção das pessoas idosas na população total e, por consequência, o envelhecimento demográfico da população portuguesa. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2002) entre 1960 e 2001 o envelhecimento demográfico traduziu-se num decréscimo de cerca de 36% na população jovem (0-14 anos) e num aumento de 140% da população com mais de 65 anos, sendo que, em 2001, foram recenseados 1 702 120 indivíduos nesta faixa etária, correspondendo a 16,4% da população portuguesa. Por outro lado, em 33,5% das famílias portuguesas, reside pelo menos um idoso e 17,5% do total das famílias são constituídas por idosos. Destas, 50,5% são representadas por um idoso e 48,1% por dois. No mesmo estudo, refere-se que as actividades domésticas estão confiadas fundamentalmente às mulheres e que muitos idosos têm pequenas ocupações remuneradas ou não remuneradas, tais como serviços de apoio a familiares, nomeadamente às crianças e outros idosos. Salienta-se ainda que, nos dados apurados no Censo de 2001, as pessoas idosas têm pouca participação em actividades associativas mas desenvolvem laços sociais e de vizinhança significativas, estabelecendo relações de entreajuda e solidariedade.

Dados anteriores ao Censo de 2001 já referiam que a maioria dos pobres em Portugal era constituída por pessoas idosas e que 41,6% dos reformados estavam incluídos na população pobre (Barreiros, 1996). O estudo do INE (2002) vem mostrar que a pobreza entre os idosos, onde predominam pensões baixas e baixas taxas de escolaridade, é persistente e que as carências se agravam quando os idosos vivem sós.

De acordo com as projecções demográficas mais recentes, estima-se que a população idosa portuguesa volte a duplicar nos próximos 50 anos, representando, em 2050, 32% do total da população. Os dados recolhidos apontam para uma esperança de vida das mulheres em torno dos 80 anos e para os homens em cerca de 74.

Em quase todos os municípios, o número de mulheres excede o de homens: diferença que se reforça à medida que a idade avança. Em 2001, a proporção entre homens e mulheres com mais de 64/65 anos era de 72 homens para 100 mulheres e, nas pessoas com mais de 85 anos, situava-se em 46 para 100. Esta tendência, segundo as projecções mais recentes, tenderá a inverter-se e homens e mulheres aproximar-se-ão na longevidade (Carrilho e Gonçalves, 2005).

Como refere o Roteiro para a Inclusão produzido pela Presidência da República em Maio de 2006, Portugal tem vindo a aproximar-se da média europeia no que toca aos indicadores de envelhecimento e dependência. O mesmo estudo chama a atenção para as taxas de pobreza particularmente altas entre os idosos. Alguns concelhos da Grande Lisboa sobressaem pelos elevados níveis de envelhecimento, calculados a partir de pessoas com mais de 75 anos, muitas das quais a viver sozinhas, bem como um crescente número de pessoas com mais de 80 anos institucionalizadas. (Presidência da República, 2006)

3. Procedimento da amostragem e definição da amostra

3. 1. Sondagem nacional

Os dados da Sondagem Nacional respeitantes aos públicos idosos (406 respostas) confirmam que a televisão é o meio privilegiado de informação, entretenimento e lazer e que a Internet tem pouca penetração. Esta observação justifica a organização da Parte IV desta investigação sobre os “Públicos dos Meios de Comunicação Social Portugueses” que será iniciada pela exposição dos resultados sobre a Televisão, seguindo-se a Imprensa, a Rádio e uma breve abordagem à Internet.

Note-se que a Sondagem Nacional cria a categoria inquiridos com “mais de 64 anos”, enquanto que, na bibliografia especializada, a categorização etária é de “65 ou mais de 65 anos”. Saliente-se ainda que os grupos de foco incidiram em pessoas com mais de 75 anos, facto que só foi perceptível após a realização das sessões. Percebeu-se então, que o público-alvo das instituições contactadas está mais perto de uma nova categoria etária, designada “4ª idade” ou “os mais velhos dos mais velhos” (Harper, 2006).

3. 2. Grupos de foco

Contactaram-se instituições e centros que acolhem pessoas com mais de 64/65 anos e lhes prestam algum tipo de apoio. A receptividade, na generalidade, não foi boa em algumas instituições, como por exemplo a *Voz do Operário* que, após contacto telefónico e e-mail explicando os objectivos do trabalho, respondeu que não considerava oportuna a realização dos grupos de foco. Sentiu-se, nos diferentes contactos entabulados, que existia uma certa hostilidade, pelos menos das direcções, face aos meios de comunicação social.

Dois centros de dia aceitaram organizar sessões de grupo de foco, a Junta de Freguesia de Odivelas e o Centro de Apoio a Jovens e Idosos do Lumiar (CAJIL). As sessões envolveram 17 participantes com idades compreendidas entre os 60 e os 90 anos. No Centro de dia de Odivelas, o grupo contou com 8 participantes cuja média etária se situou nos 78,2 anos. O grupo de foco realizado no CAJIL contou com 9 participantes com uma média etária de 78,7.

QUADRO VII
GRUPO IDOSOS ODIVELAS

Nome	Idade	Sit. Conjug.	Filhos	Naturalidade	Onde vive	Com quem vive	Ocupação/profissão que exerceu	Escolaridade	Em casa tem
Camila	74	Viúva	3	Odivelas	Odivelas	Filho	Empregada Doméstica	3ª classe	TV, rádio, telem, máq foto
Margarida	60	Casada	2	Alentejo	Odivelas	Marido e filhas	Empregada de Laboratório	9º ano	TV, rádio, máq foto, comput, telem
Manuel	86	Viúvo	6	Lisboa	Odivelas	Sozinho	Serralheiro	4ª classe	TV e rádio
Maria Conceição	79	Viúva	1	Alenquer	Odivelas	Filha	Limpeza em ATL	4º classe	TV, rádio, telem, comput, máq foto.
António	86	Viúvo	2	Feirão	Odivelas	Filhas	Serralheiro	4ª classe	TV, rádio, máq foto, telem, comput
Augusto	90	Viúvo	1	Mortágua	Odivelas	Filho	Empregado de fábrica, soldado em Angola	Não estudou	TV, rádio, máq foto, telem, comput
Lina	70	Viúva	1	Castro Daire	Odivelas	Filha	Cabeleireira	4ª classe	TV, rádio, máq foto, telem, comput
Maria	81	Viúva	7	Funchal	Odivelas	Filhas	Bordadeira	Não estudou	TV, rádio, máq foto, telem, comput

QUADRO VIII
GRUPO IDOSOS LUMIAR

Nome	Idade	Sit. Conjug.	Filhos	Naturalidade	Onde vive	Com quem vive	Ocupação/profissão que exerceu	Escolaridade	Em casa tem
Angelina	90	Viúva	1	Algarve	Lumiar	Sozinha	Empregada de Mesa	4ª classe	TV e rádio
Ludvina	82	Viúva	3	Lisboa	Lumiar	Com a filha	Doméstica	Não estudou	TV, telem, comput.
Maria Alice	69	Casada	1	Viseu	Lumiar	Marido e filho	Ajudante de Cozinha	8 meses de estudo	TV, telem, rádio, máq foto
Margarida	85	Viúva	não	Lisboa	Lumiar	Sozinha	Modista, costureira	4ª classe	TV, telem, rádio
Manuel R.	82	Viúvo	1	Lisboa	Lumiar	Sozinho	Vendedor	4ª classe	TV, rádio, Telef, máq foto, TV cabo
Amélia	78	Viúva	1	Alentejo	Ameixoeira	Sozinha	Empregada de Limpeza	4ª classe	TV, TV cabo e rádio
Teresa	73	Viúva	1	Trás-os-Montes	Ameixoeira	Sozinha	Doméstica	Não estudou	TV e rádio
Maria Leopoldina	69	Casada	7	Armamar	Ameixoeira	Marido e filho	Doméstica	Não estudou	TV e rádio
Isabel	80	Viúva	3	Setúbal	Galinheiras	Sozinha	Doméstica	3ª classe	TV, rádio, cassetes

A realização dos grupos de foco foi acompanhada de um Diário de Campo onde se registaram impressões circundantes à realização das sessões, dentro de uma perspectiva etnográfica. Neste sentido, deu-se especial atenção aos ambientes, aos espaços de vivência dos “utentes”, às atitudes e comportamentos dos coordenadores/mediadores dos centros, assim como aos indícios e elementos de comunicação verbal e não verbal dos participantes ou não participantes nos grupos de foco.

4. Desenho e aplicação do questionário e do roteiro temático para os grupos de foco

A anteceder as reuniões, elaborou-se um questionário de identificação comum a todos os participantes e um roteiro com tópicos sobre “Os Meios de Comunicação Social Portugueses” adaptado aos “mais de 64/65 anos”. O questionário de identificação visou registar os dados individuais mais significativos: local de nascimento, nacionalidade, sexo, idade, escolaridade, profissão e ocupação anteriores à reforma, bem como partilha de habitação. A aplicação fez-se sem dificuldades.

O roteiro adaptado aos “mais de 64/65 anos” estruturou-se em torno dos seguintes tópicos:

- I. Os Usos Dos Jornais;
- II. Os Usos da televisão, Vídeos/Filmes e Música;
- III. A opinião sobre rádio, jornais e televisão;
- IV. Os usos do Computador e da Internet.

A aplicação implicou algumas adaptações nomeadamente a introdução de um outro tópico que se designou “Memória dos Meios de Comunicação”. Foi a partir deste tópico que se conseguiu entrar nos tópicos inicialmente enunciados.

5. Recolha e tratamento da informação nos grupos de foco

A utilização da metodologia de grupos de foco com pessoas com mais de 64/65 anos, tem como objectivo compreender como se posicionam face ao tema proposto “Os Meios de Comunicação Social Portugueses”. Este objectivo envolve três níveis de observação: num primeiro momento, observa-se os mecanismos de interacção entre os membros integrantes do grupo, os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo; num segundo momento, objectiva-se compreender como o grupo colectivamente se representa e interage perante as investigadoras e os mediadores; finalmente regista-se e contextualiza-se as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema.

Dentro do primeiro nível de observação — “os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo” — constatou-se que a interacção entre os diversos participantes, nos dois grupos de foco, estava condicionada pelas relações pré existentes entre os participantes. As condicionantes mais perceptíveis foram as que derivam de conhecimentos ou amizades anteriores, afinidades por sexo, escolaridade dos participantes, localidade ou região de origem, profissão exercida durante a sua vida activa, escolaridade, situação financeira, situação conjugal e familiar e condições de saúde. Estas condicionantes levaram alguns participantes a assumir papéis reconhecidos pelos outros membros do grupo e identificados pelas investigadoras através de murmúrios, comentários laterais ou sorrisos. Determinaram, por outro lado, algumas formas

dos participantes se representarem perante o grupo e assumirem, ou não, opiniões, atitudes e comportamentos.

No grupo de foco de Odivelas foram mais observadas as condicionantes relacionadas com o estado de saúde, sexo, escolaridade, localidade ou região de origem e situação conjugal. Neste grupo, os homens estiveram mais alheados da sessão e destacaram-se algumas senhoras pela vontade de participar e pelas opiniões emitidas. No grupo do Lumiar, as condicionantes relacionadas ao estatuto social estiveram mais presentes e homens e mulheres participaram de forma mais paritária.

No segundo nível de observação — que compreende a forma “como o grupo colectivamente se representa e interage perante as investigadoras e os mediadores” — verificou-se que, na generalidade, os “mais de 64/65 anos” não se vêem como idosos. Estas pessoas tendem a olhar os outros participantes como “idosos”, mas não assumem igual categoria etária para si mesmos. Assim, não há uma construção colectiva da identidade “idosos” ou “mais de 64/65 anos”, apesar de alguns participantes declararem que hoje se trata bem os mais velhos e se incluírem neste grupo. Por outro lado, nota-se que a presença das investigadoras é encarada como mais uma actividade de entretenimento, com igual interesse (ou desinteresse) a outras actividades organizadas pelos centros. Na verdade, as rotinas marcaram as sessões de grupo de foco, depois do almoço, antes do lanche, na hora da ginástica ou da palestra, por exemplo, sobre pintura. Para alguns dos participantes participar na actividade “grupos de foco” tornou-se interessante ou mais atractivo na medida em que permitiu recuar no tempo e activar a memória sobre os meios de comunicação, associando programas, actores, cantores às saudades de “quando se era novo” e a “outros tempos”.

De ressaltar, ainda, o papel dos mediadores que, em ambos os centros, apoiaram as sessões exercendo papéis de autoridade, controlando e distribuindo as falas, chamando os participantes para os tópicos e regulando os horários das rotinas.

No terceiro nível de observação, onde se pretende registar e contextualizar afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema, observou-se que as memórias condicionam mais o desenrolar das sessões que o fluxo das notícias e as vivências do quotidiano. Muitos dos participantes, em função de alguns problemas auditivos e de visão, sentiram dificuldades em acompanhar os meios de comunicação. O volumoso número de analfabetos ou com dificuldades na leitura provocou, logo

à partida, a exclusão dos meios impressos e uma redução do leque de opções de programação televisiva.

IMIGRANTES

1. Definição dos objectivos

Na Quinta Parte deste Estudo de Recepção procurou-se analisar, registar e interpretar dados quantitativos e qualitativos sobre os consumos, representações e expectativas dos imigrantes face aos meios de comunicação social. A televisão, dada a sua proeminência social e função pública — em conformidade com o contrato de Concessão Geral de Serviço Público de Televisão, assinado em 2003 — foi especialmente focada. Observou-se, entre outros aspectos, como estes públicos sensíveis avaliam a aplicação das directivas de programação, estipuladas pelo contrato de Concessão, relativas ao pluralismo, ao respeito pelos interesses das minorias e à promoção da diversidade cultural.

A identificação dos imigrantes como um público sensível fundamenta-se na sua débil inserção na esfera pública e, apesar dos recentes avanços experimentados em Portugal, nos frágeis indicadores de inserção política e cultural destes cidadãos. Recentemente muitos imigrantes, sobretudo originários dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), adquiriram a nacionalidade ao abrigo da nova lei (Lei Orgânica n.º 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei n.º 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade). Mas este facto, juridicamente relevante, não impede que socialmente sejam percebidos, ou se vejam, como imigrantes, ou nacionais de outro país, com restrito acesso ao espaço público. O Plano para a Integração dos Imigrantes (Presidência do Conselho de Ministros, Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007) constitui, neste sentido, um instrumento de apoio à inclusão no espaço público e de reforço à cidadania. Neste Plano, que reconhece a autonomia dos Media e a ética deontológica dos jornalistas, incentiva-se o desenvolvimento de mecanismos de auto-regulação na veiculação de notícias sobre a imigração apelando para que, respeitando o rigor dos factos e o enquadramento adequado, se evitem os efeitos perversos de indução de racismo e xenofobia. O mesmo documento considera que se deve estimular os meios de comunicação so-

cial a promover espaços de programação/informação que mostrem a diversidade cultural existente na sociedade portuguesa, valorizando as expressões culturais e linguísticas das comunidades imigrantes residentes em Portugal.

2. Caracterização do universo

Portugal, um país tradicionalmente de emigrantes tornou-se, nas duas últimas décadas, num país de Imigração. Um marco importante para compreender este fenómeno é a assinatura do Acordo de Schengen que garante um espaço de circulação único aos europeus e cria uma fronteira comum. Este acordo, desenhado em 1985 pelos países que então constituíam a União europeia, foi ratificado em Portugal em 1993 mas a sua aplicação só se deu em 1995. Referir este acordo é jurídica e socialmente importante, pois ele desenha uma percepção social do estrangeiro e do imigrante que se estende aos meios de comunicação social. Este tratado obriga os cidadãos de países terceiros, exteriores à União Europeia, a obterem um visto Schengen para visitarem ou permanecerem em Portugal e assim instaura uma barreira simbólica entre Nós — neste caso portugueses — e os Outros, muitos deles nascidos portugueses e tornados estrangeiros quer pelo desenrolar da História quer por constrangimentos legislativos.

Os mecanismos de integração têm vindo a multiplicar-se em diferentes frentes, nos últimos anos, em toda a Europa, incluindo Portugal, salientando-se os aspectos relativos à obtenção da nacionalidade, às políticas de promoção da igualdade de oportunidades e à vigilância e punição de empregadores e angariadores de mão-de-obra clandestina. No que toca ao direito à nacionalidade assinala-se a transição do direito de sangue para o direito de solo, contemplado em Portugal pela Nova Lei da Nacionalidade (Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei nº 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade).

Em 2007, Portugal contabiliza cerca de 435.736 mil estrangeiros em situação legal, sendo possível estimar em cerca de 170.000 mil os que se encontram em situação ilegal.⁶ Destes, 401.612 tinham, em 2007, autorização de residência; 5.741 autorização de permanência e 28.383 vistos de longa duração. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras refere também que cerca de 240.096 são homens e 195.640 mulheres, sendo

6 Fonte SEF

que grande parte dos estrangeiros tem como local de residência Lisboa (188.516), seguindo-se Faro (74.335), Setúbal (43.812) e o Porto (28.013).

A maior comunidade é a brasileira com 66.354 cidadãos, seguindo-se a cabo-verdiana e a ucraniana com, respectivamente, 63.925 e 39.480. Embora esta última esteja a diminuir (estima-se que, em 2007, cerca de dois mil cidadãos ucranianos saíram de Portugal), regista-se o crescimento da comunidade romena, actualmente com 19.155. A comunidade angolana (32.728) e a guineense (23.733) mantêm-se estáveis. Já o número de cidadãos ingleses (23.608) e espanhóis (18.030) a viver e trabalhar em Portugal tem vindo a crescer, sobretudo os primeiros que procuram o Distrito do Algarve para gozar a reforma e investir em pequenos negócios. No entanto, a percepção social dominante dos portugueses, face a estas duas comunidades, toma-os não como “imigrantes” mas como “estrangeiros”, facto que se reveste de dimensões históricas, culturais e sociais mais amplas (Cabecinhas, 2007)

3. Procedimento da amostragem e definição da amostra

3. 1. Sondagem nacional

Na interpretação da Sondagem Nacional sobre “Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses” (159 respostas) utilizaram-se duas estratégias distintas. Uma primeira estratégia de leitura que envolveu “os nascidos em Portugal” e os “não nascidos em Portugal” e a comparação dos consumos, representações e expectativas destes dois grupos de inquiridos. Numa segunda estratégia de leitura foram organizados quatro grupos por local de nascimento: os nascidos em Portugal Continental; os nascidos nos PALOP, os nascidos na América Latina AL), e os nascidos em Outros Países Europeus (OPE). Pretendeu-se, com este agrupamento por local de nascimento, observar hipotéticas tendências de consumo, representações e expectativas de inquiridos estrangeiros, tendo como termo de comparação os inquiridos em Portugal Continental.

Apesar da organização dos resultados pelos locais de nascimento evidenciarem algumas particularidades nos consumos, levantaram-se, no entanto, questões teóricas e metodológicas complexas. De entre elas, destaca-se a que mais condiciona a leitura destes dados: é que nem todos os nascidos nos PALOP, no Brasil, na Venezuela

ou em França, são necessariamente imigrantes. Entre os inquiridos há, por exemplo, portugueses nascidos nas antigas colónias africanas, há filhos de portugueses, com nacionalidade portuguesa, nascidos no Brasil e na Venezuela, há filhos de emigrantes portugueses nascidos em França e com dupla nacionalidade. Na sequência desta reflexão, é ainda provável que haja inquiridos que, tendo nascido em Portugal, tenham uma nacionalidade estrangeira e sejam juridicamente imigrantes.

Na primeira estratégia de leitura que pretendeu cotejar os consumos, representações e expectativas dos “nascidos e não nascidos em Portugal”, partiu-se de uma amostra em que os primeiros constituem 92,4% dos inquiridos e os segundos 7,6%, o que corresponde estatisticamente à percentagem de estrangeiros/imigrantes com residência em Portugal. Na segunda estratégia de leitura, em que não foram considerados os dados referentes às Regiões Autónomas, os nascidos no Continente constituíam 90,1% dos inquiridos, os nascidos nos PALOP atingem os 3,6%, seguindo-se os nascidos na América Latina (AL) com 2,4% e os nascidos em Outro País Europeu (OPE) com 1,5%.

3. 2 Grupos de Foco

A escolha da nacionalidade dos grupos de imigrantes teve em consideração, em primeiro lugar, as maiores comunidades residentes em Portugal, identificadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Em segundo lugar, considerou percepções de “senso comum” da sociedade portuguesa sobre os imigrantes, associadas a nomeações como “imigrantes de Leste” e “imigrantes dos PALOP”. Neste sentido, e seguindo os “imigrantes de Leste”, procurou-se contactar associações de cidadãos ucranianos, mas também de outras nacionalidades, nomeadamente de russos e de romenos. Em busca dos “imigrantes dos PALOP”, constatou-se que a maior parte das associações de imigrantes cabo-verdianos integrava os descendentes de imigrantes cabo-verdianos e imigrantes de outros Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, principalmente guineenses e são-tomenses.

A estratégia para a organização dos grupos foi desenhada a partir de contactos realizados com as associações de imigrantes registadas junto do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (ACIDI). Através do ACIDI procedeu-se ao levantamento das Associações de Imigrantes dos PALOP e de

outras associações de imigrantes. Os contactos foram realizados através do Programa Escolhas e directamente com o SOS Racismo, Associação dos Ucrrianos, Associação dos Romanos, Casa do Brasil. Nem todos os contactos resultaram. Por diversos motivos, algumas associações não conseguiram mobilizar os seus membros e congregá-los para uma sessão de grupo de foco sobre “Os meios de Comunicação Social Portugueses”. Foram alegados os seguintes motivos: horários de trabalho, afazeres domésticos, receio de alguns membros se «exporem» aos meios de comunicação.

Um outro elemento que contribuiu para a selecção das associações a contactar foi o facto destas integrarem imigrantes que correspondiam ao “perfil” estatístico enunciado em estudos especializados (Viegas, e al., 1998). Por exemplo, no caso dos imigrantes ucrrianos, terem escolaridade média e superior e exercerem, na generalidade, funções pouco qualificadas; no caso dos imigrantes brasileiros, terem escolaridade média e estarem ocupados em Serviços; no caso dos imigrantes cabo-verdianos e dos PALOP, terem poucas habilitações literárias, trabalharem na construção civil ou estarem desempregados. Contudo, as associações que participaram e mobilizaram os seus membros contactaram preferencialmente «as elites», entendendo-se como tal os membros com maior escolaridade, consciência política, participação em actividades comunitárias e capacidade reivindicativa. Neste sentido, sobretudo no que toca às associações de cabo-verdianos e dos PALOP, nota-se que os participantes são bastante mais escolarizados que os dados divulgados por estudos especializados, apesar da maioria dos participantes viverem nos bairros sociais, ou mesmo degradados, onde se realizaram as sessões e onde se situam as sedes das associações.

Note-se que em todos os grupos de foco realizados, excepto no Grupo Misto, constituído por pessoas com nacionalidades diversas, e nos dois Grupos de Foco dos Brasileiros, as pessoas se conheciam ou até tinham, algumas, relações de amizade. De ressaltar ainda que, segundo os membros das associações que se comprometeram a contactar as pessoas para os grupos, muitos aceitaram participar e depois, em cima da hora, não apareceram justificando imprevistos. A grande maioria destes imprevistos está ligada ao mundo do trabalho profissional (os homens) e doméstico (as mulheres, principalmente as de origem cabo-verdiana ou dos PALOP). Assim, e independentemente de se ter contactado, para todos os grupos, um conjunto de 8 pessoas e de se terem marcado as

sessões para os fins-de-semana – com horários acordados entre os participantes, organizadores e mediadores – o resultado obtido foi muito irregular.

Constituíram-se 10 Grupos: 4 com imigrantes dos PALOP e seus descendentes, 3 com imigrantes dos países do Leste da Europa, 2 com imigrantes brasileiros e 1 misto. Sublinhe-se que os descendentes de imigrantes dos PALOP entrevistados tinham, até à aprovação da Nova Lei da Nacionalidade (Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei nº 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade), a nacionalidade de origem dos pais. Sublinhe-se, ainda, que alguns brasileiros eram filhos ou netos de portugueses e tinham a nacionalidade portuguesa ou estavam em vias de adquiri-la.

QUADRO IX

CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Bairro de Santa Filomena, Amadora

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Alcides	36	M	Angola	Amadora	Mediador sociocultural	Pedreiro	9º ano
Sandra	21	F	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Balconista	Balconista	9º ano
Dina	22	F	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Desempregada	Balconista	11º ano
Armeno	30	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Carpinteiro	Carpinteiro	9º ano
Márcio	26	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Cantoneiro	Cantoneiro	9º ano
Janilson	27	M	Cbo Verde	Amadora	Segurança	Segurança	9º ano
Igor	23	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Promoção de vendas	Promotor de Vendas	9º ano
Benvindo	28	M	Cabo Verde	Amadora	Construção civil	Construção civil	9º ano
Luís	26	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Electricista	Electricista e Músico	12º ano
Hugo	28	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Militar	Militar	9º ano
Elísio (Chapa)	25	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Amadora	Desempregado	Não respondeu	9º ano

QUADRO X
CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Terraços do Tejo (Quinta do Mocho)

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Helder	24	M	Cabo Verde	Loures	Estudante	Estudante	Licenciatura em Engenharia Mecânica
Vera	19	F	Portugal (descendente de imigrantes)	Loures	Estudante e cozinheira	Estudante	10º ano
Keidi	21	M	São Tomé e Príncipe	Loures	Estudante e mediador sociocultural	Estudante e mediador sociocultural	12º ano
Oswaldo	32	M	Angola	Loures	Desempregado	Técnico de Saúde	9º ano – Curso técnico área da saúde
Brener	28	M	Guiné-Bissau	Loures	Construção Civil	Ferreiro	7º ano
Wilson	20	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Loures	Estudante	Estudante	9º ano

QUADRO XI
CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Associação AFRUNIDO, Agualva-Cacém

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Gilson	30	M	Cabo Verde	Queluz	Bar Man	Estudante	12º ano
Vitor	49	M	Guiné-Bissau	Mira Sintra	Desempregado	Professor	12º ano
Djarta	49	M	Guiné-Bissau	Agualva	Presidente Associação de Imigrantes	Engenheiro Agrónomo	Licenciatura em Engenharia
Adélio	31	M	Angola	Mira Sintra	Operação Fabril	Recursos Humanos	12º ano
António	42	M	Cabo Verde	Mira Sintra	Estagiário em Advocacia	Advogado	Licenciatura em Direito
Rui Santos	46	M	São Tomé e Príncipe	Cacém	Estafeta	Programador Informática	12º ano

QUADRO XII

CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Bairro de Outurela/Portela, Oeiras

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Sandra	22	F	Portugal (descendente de imigrantes)	Oeiras - Pombal	Assistente de Advogado	Secretária	12º ano
Mário	40	M	Cabo Verde	Oeiras - Outurela	Mediador de jovens	Mediador Sócio-Cultural	6º ano
José	30	M	Portugal (descendente de imigrantes)	Oeiras - Porto Santo	Serviços externos de empresa informática	Dirigente associativo	9º ano
Ana	29	F	Portugal (descendente de imigrantes)	Oeiras - Outurela	Actriz	Actriz	Bacharelato em Artes Cénicas
Ricardo	19	M	Portugal - Descendente de imigrantes	Oeiras - Portela	Estudante	Estudante	12º ano
Luís	20	M	Portugal - Descendente de imigrantes	Oeiras - Portela	Estudante	Estudante	12º ano

QUADRO XIII

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Associação dos Ucrânios (LusoDomu), Lisboa

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Maria	44	F	Ucrânia	Lisboa	Presidente Associação Imigrantes	Veterinária	Licenciatura em Veterinária
Igor	34	M	Ucrânia	Lisboa	Director de Escola Imigrantes	Professor de Educação Física	Licenciatura em Educação Física
Natália	37	F	Ucrânia	Lisboa	Secretária e Médica	Médica	Licenciatura em Medicina
Vitali	31	M	Ucrânia	Setúbal	Operário de Armazém e estudante	Técnico Mecânico	12º ano

QUADRO XIV

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Escola Pêro de Santarém, Benfica

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Oksana	47	F	Ucrânia	Póvoa de Santa Iria	Doméstica	Professora de Geografia	Licenciatura em Geografia
Diana	27	F	Ucrânia	Cruz de Pau	Doméstica	Professora de História	Licenciatura em História
Oksana 2	37	F	Ucrânia	Lisboa	Desempregada	Professora Matemática	Licenciatura em Matemática
Svitlana	33	F	Ucrânia	Lisboa	Operadora de Caixa	Professora de Língua e Literatura Ucrâniana	Licenciatura em Língua e Literatura Ucrâniana

QUADRO XV

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Igreja da Madalena, Lisboa

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Jorge	27	M	Roménia	Lisboa	Professor de Inglês	Professor	Licenciatura em Língua e Literatura Inglesa
Adriana	40	F	Roménia	Barreiro	Bibliotecária	Professora de Línguas	Licenciatura em Línguas e Literaturas estrangeiras
Rodica	36	F	Roménia	Barreiro	Doméstica	Padeira	12º ano
Vladimir	38	M	Roménia	Barreiro	Técnico de Gás	Professor de Línguas Eslavas	Licenciatura em Línguas Eslavas
Iósife	43	M	Roménia	Lisboa	Serralheiro	Técnico de TV a Cabo	12º ano
Miguel	41	M	Roménia	Seixal	Construção Civil	Pedreiro	12º ano
Cornel	32	M	Roménia	Lisboa	Pintor	Contabilista	Licenciatura em Contabilidade

QUADRO XVI
CIDADÃOS BRASILEIROS - Cinema São Jorge, Lisboa

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Cláudio	30	M	Brasil	Lisboa	Bancário	Bancário	12º ano
Karina	32	F	Brasil	Lisboa	Publicitária	Publicitária	Licenciatura em Publicidade
Lisi	33	F	Brasil	Lisboa	Contabilista	Contabilista	Licenciatura em Contabilidade
Cristiano	29	M	Brasil	Lisboa	Monitor de Informática	Jornalista	Licenciatura em Jornalismo
Denivalda	52	F	Brasil	Lisboa	Psicóloga	Psicóloga	Licenciatura em Psicologia

QUADRO XVII
CIDADÃOS BRASILEIROS - Casa do Brasil, Lisboa

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Gustavo	31	M	Brasil	Lisboa	Jurista	Jurista	Licenciatura em Direito
Deli	38	M	Brasil	Lisboa	Porteiro	Organizador de eventos	12º ano
António	40	M	Brasil	Lisboa	Jornalista	Jornalista	Licenciatura em Jornalismo
Bia	45	M	Brasil	Lisboa	Doméstica	Doméstica	12º ano
Adriana	57	F	Brasil	Lisboa	Informática	Dentista	Licenciatura em Odontologia

No total, os grupos envolveram 61 pessoas assim distribuídas: 33 dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e seus descendentes, com nacionalidade recém-adquirida ao abrigo da Nova Lei da Nacionalidade, (26 homens e 7

QUADRO XVIII
CIDADÃOS DE DIVERSAS ORIGENS - Pastelaria Veneza, Lisboa

Nome	Idade	Sexo	País de origem	Residência	Ocupação	Profissão	Escolaridade
Liliana	29	F	Brasil	Lisboa	Professora e Investigadora	Professora e Investigadora	Pós-Doutoramento
Abrão	33	M	Guiné-Bissau	Alverca	Assistente técnico de projectos sociais	Psicólogo	Licenciatura em Psicologia
Eduardo	36	M	Angola	Lisboa	Administrativo	Sociólogo	Licenciatura em Sociologia
Sónia	27	F	Portugal – Descendente de Imigrantes	Amadora	Estudante	Historiadora	Licenciatura em História
Helena	33	F	Cabo Verde	Lisboa	Coordenadora de Projecto Social	Socióloga	Licenciatura em Sociologia
Natália	32	F	Rússia	Odivelas	Mediadora Sociocultural	Tradutora	Licenciatura em Línguas
Cris	36	F	Brasil	Lisboa	Socióloga - Investigadora	Socióloga	Doutoramento

mulheres); 16 originárias dos países europeus de Leste, (7 homens e 9 mulheres); 12 brasileiras, (5 homens e 7 mulheres).

A realização dos grupos de foco foi acompanhada de um registo de impressões do contexto em que ocorreram as sessões. Este registo designado Diário de Campo, pretendeu traçar, dentro de uma perspectiva etnográfica, um quadro do contexto em que se deram as interacções, nomeadamente as impressões sobre o bairro, os locais onde decorreram as sessões, o tipo de acolhimento prestado às investigadoras e as atitudes e comportamentos de participantes ou não participantes.

4. Desenho e aplicação do questionário e do roteiro temático para os grupos de foco

As sessões de grupo de foco foram antecedidas pela elaboração de dois instrumentos de pesquisa: um questionário de identificação comum a todos os grupos

e participantes e um roteiro temático adaptado aos diferentes grupos de imigrantes. O questionário de identificação pretendeu registar os dados individuais mais significativos como local de nascimento, nacionalidade, sexo, idade, escolaridade, profissão e ocupação. A aplicação deste questionário fez-se sem dificuldades, apesar de alguns descendentes de imigrantes cabo-verdianos e dos PALOP preferirem «inventar um nome».

O roteiro adaptado às diferentes nacionalidades e grupos de imigrantes estruturou-se em torno dos seguintes tópicos comuns:

- I. Os Usos dos Jornais;
- II. Os Usos da televisão, Vídeos/Filmes e Música;
- III. A opinião sobre rádio, jornais e televisão;
- IV. Os usos do Computador e da Internet.

Em função da nacionalidade dos participantes introduziu-se, em cada tópico, perguntas específicas, por exemplo, no roteiro direccionado para os imigrantes cabo-verdianos, dos PALOP e seus descendentes, introduziram-se perguntas sobre a RTP e a RDP África, bem como sobre os consumos de vídeo e música africana.

A aplicação do roteiro não foi uniforme e, em função dos grupos e das nacionalidades, experimentaram-se diferentes interferências e alterações. De uma forma geral, pode-se dizer que, entre os imigrantes que dominam ou têm o português como língua materna, a aplicação do roteiro, tal como tinha sido planeado, foi feita de forma entrecortada sendo, por vezes, necessário recentrar os participantes nos tópicos pré definidos. A aplicação do roteiro nos grupos que não dominam ou não têm o português como língua materna fez-se de forma mais sequencial e os integrantes dos grupos não se desviaram tanto dos tópicos propostos.

5. Recolha e tratamento da informação nos grupos de foco

A utilização da metodologia de grupos de foco com pessoas originárias da mesma região geográfica, país ou continente, visa compreender como se processa a construção colectiva da identidade (Munday, 2006), tendo em conta o referente proposto, neste caso “Os meios de Comunicação Social Portugueses”.

A construção desta identidade através dos grupos de foco, tendo como referente um tema, envolve três níveis de observação: num primeiro momento, observam-se os mecanismos de interacção entre os membros integrantes do grupo, os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo de pertença; num segundo momento, objectiva-se compreender como o grupo colectivamente se representa e interage perante o Outro (as investigadoras, as mediadoras portuguesas, os mediadores, em geral, ali presentes); finalmente registam-se e contextualizam-se as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema.

Dentro do primeiro nível de observação — “os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo de pertença” — verificou-se que, em todos os grupos de foco realizados, fosse qual fosse a nacionalidade envolvida, se manifestavam indícios de distinções hierárquicas. Estas afloram na interacção entre os diversos participantes e, nomeadamente, estão relacionadas com o estatuto social anterior à imigração, ao sexo, à escolarização, ao sucesso no percurso da imigração, aos contactos e vida em comum, ou ainda em função do papel desempenhado na comunidade. No decorrer das sessões, tais distinções determinaram algumas formas dos participantes se representarem perante o grupo e assumirem, ou não, opiniões, atitudes e comportamentos. Estiveram mais presentes nas sessões com cidadãos ucranianos e romenos, um pouco em função do domínio da língua portuguesa e dos mediadores. Menos presentes junto dos cidadãos brasileiros.

Assinale-se ainda que, nos grupos de foco realizados com cidadãos brasileiros e ucranianos, a interacção entre homens e mulheres é paritária: homens e mulheres falam com igual à vontade e não há inibição entre sexos. Esta realidade não se verifica nas sessões com cidadãos de Cabo-verde, de origem cabo-verdiana, dos PALOP e seus descendentes, ou ainda romenos, onde se nota falarem os homens primeiro e só depois as mulheres que tendem a confirmar, ou não, as afirmações masculinas, mantendo sempre um discurso controlado.

No segundo nível de observação — “a representação dos diversos elementos, e do grupo enquanto entidade, perante as investigadoras, e em algumas circunstâncias, os mediadores” — verificou-se que há grandes diferenças entre os grupos de imigrantes. De uma maneira geral, todos os grupos tendem a ter uma percepção colectiva do seu grupo face à imigração e a situá-la numa escala histórica

e temporal. Por exemplo, os imigrantes dos PALOP e seus descendentes recuam às guerras coloniais da década de 60 e 70; os imigrantes brasileiros ao período colonial e às relações de «amizade preferencial» entre Portugal e o Brasil; os imigrantes ucranianos e romenos ao fim da União Soviética e à reestruturação do modelo económico nos seus países.

Os grupos têm, relativamente ao país e à comunidade de pertença, graus diversos de auto-estima (Goffman, 1975). Os indicadores de auto-estima surgem associados quer a estereótipos, quer a qualidades e defeitos identificados como características da comunidade nacional, no geral assumidos como estigmas, quer ainda através de um jogo complexo de espelhos «o que eles/portugueses pensam que nós somos, o que nós somos realmente e o que eles são capazes de ver de nós». Este jogo de percepções é verbalizado no decorrer das sessões tendo como objectivo esclarecer as investigadoras, na medida em que lhes é atribuído o papel de «mediadoras», e continuam a ser percebidas pelos elementos dos grupos como pertencentes à sociedade dominante. Nesta situação de interacção, os papéis da sociedade tendem a reproduzir-se, apesar das investigadoras serem simbolicamente investidas, pelos participantes das sessões, da função de «porta-voz» dos «sem voz» face às autoridades e instituições governamentais e estatais. Quanto ao mediador — normalmente quem organizou e fez os contactos iniciais para a sessão —, o seu papel tende a variar em função do grupo e da sua origem nacional. Assim, os mediadores que tinham a mesma origem nacional dos integrantes do grupo de foco, apresentavam uma maior aceitação e liderança, enquanto que aqueles que eram portugueses ou de outra nacionalidade, tendiam ou a distanciar-se (Nós/Eles) ou a «subtrair» a voz aos integrantes do grupo. Esta última situação esteve muito presente num dos grupos de foco realizado com imigrantes ucranianos, onde a mediadora brasileira/ucraniana casada com um português, a pretexto «deles» (os imigrantes ucranianos) não se expressarem bem em português, distorcia ou conduzia as respostas dos participantes ucranianos. Percebeu-se, então, que o seu objectivo não era mediar a sessão mas louvar perante as investigadoras, percebidas como representantes de instituições governamentais, o apoio da «sua associação católica (Opus Dei)» aos «imigrantes de Leste».

No terceiro nível de observação, onde se pretende registar e contextualizar as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema “Os meios de Comunicação

Social Portuguese”, observa-se que o fluxo das notícias e vivências do cotidiano é muito importante e condiciona, em grande medida, o desenrolar das sessões. Assim, em todas as sessões, acontecimentos recentes relatados pelos meios de comunicação foram evocados e associados às experiências do cotidiano dos participantes. Notou-se, também, que os integrantes de comunidades que residem em Portugal, há mais tempo (cabo-verdianos e PALOP), e que dominam a língua (PALOP, cabo-verdianos e brasileiros), têm capacidade de recordar e verbalizar mais acontecimentos e interligá-los, comparando-os numa escala positiva ou negativa, com o presente. Ainda de referir que, para os imigrantes ucranianos e romenos, os meios de comunicação social portugueses assumem um papel secundário, enquanto meios de informação ou divertimento, mas têm, notoriamente, um papel importante na aprendizagem da língua, usos e costumes.